

by. Jos. Américo Barreto de Taria

Barcelo



ANO I

CARVALHAL, 2 DE OUTUBRO DE 1932

C. M. B.
BIBLIOTECA

N.º 5

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário
P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P.º CEMENTO ADIANTADO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

D. Manuel Vieira de Matos

Está de luto a Arquidiocese de Braga pelo falecimento do seu venerando Prelado o Ex.º e Rev.º Senhor D. Manuel Vieira de Matos. O infausto acontecimento deu-se na madrugada do dia 28 de Setembro. Sua Ex.ª Rev.ª andava adoentado desde à meses; todavia, nada fazia prever um desastre fatal tão repentino. Ainda na véspera o ilustre enfermo aparentava as melhores disposições.

Deus chamou a Si o grande Prelado que se chamou D. Manuel Vieira de Matos. Esta é a dura realidade, e, nesta hora de luto e de acerba dôr, só nos resta orar por.êe ao Senhor.

Não é ocasião oportuna para dar balanço à obra apostólica realizada pelo venerando extinto.

E trabalho para mais tarde, quando a serenidade do espírito vier e os crepes da morte estejam arredados. Mas, à beira da sepultura, num rápido olhar, é fácil avaliar a estatura do inclito Arcebispo e a grandiosidade da obra que lega à posteridade. Foi um grande lutador pela causa da Igreja. Viveu numa época de política irrequieta e hostil, que pretendeu desorganizar a hierarquia eclesiástica em Portugal e esmagar a religião.

De entre os Prelados que mais se salientaram na defesa dos direitos da Igreja e da Fé ocupa um dos primeiros lugares D. Manuel Vieira de Matos.

Após o caos político português era necessário reorganizar a vida católica em Portugal, bastante abalada e resentida com aquele caos político. As providências tomadas, a acção acertada e decisiva do glorioso extinto muito contribuíram para a vivificação católica em Portugal.

Estes dois factos, sumariamente expostos e que dão para um largo trecho de brilhante história, mostram bem a envergadura moral e religiosa do Prelado que ora desaparece do número dos vivos, para enfileirar na lista dos grandes mortos que enobrecem o catálogo dos Arcebispos de Braga.

Governou a Arquidiocese durante quási 17 anos, com mão firme, disciplinadora. Os seus Seminários mereceram-lhe especial atenção. A formação do Clero era o principal problema a atender. Enfrentou-o com visão clara e energia intemerata. Os belos e grandiosos edificios, que conseguiu levantar evidenciam bem o alcance do seu pensamento e a vontade firme de num futuro próximo a Arquidiocese ter clero devidamente formado e bastante para as suas necessidades espirituais.

A celebração de Congressos verdadeiramente notáveis que trouxeram a Braga, representantes do Papa, os Prelados Portugueses e uma imensidade de congressistas de todo o país, levantou a fé retraída e restaurou em Portugal o esplendor do culto.

Pois êste grande Prelado que tanto fez em beneficio da causa de Deus acaba de falecer. A morte arrebatando-lhe a vida não lhe aniquilou a grandeza. Deus chamando-o a Si foi certamente para lhe recompensar os lúdimos merecimentos.

Paz à sua alma.
Oremos por êe.

NOVA ESTRADA

Há cêrca dum ano procedeu-se à demarcação de uma nova estrada que, ligando Carvalhal a Alvêlos muito contribuiria para o progresso e maior desenvolvimento destas importantes frêguesias. A nova estrada, tal qual está marcada, vai da escola de Alvêlos interceptar a estrada de N. S.^a da Franqueira junto à igreja de Carvalhal. Com a realização deste melhoramento beneficiariam outras frêguesias visinhas, Pereira, Revelhe, Macieira, etc. Não deve ficar despendioso o corte de tal estrada pois trata-se apenas dum pequeno lanço de 1500 metros, o maximo.

Consta-nos que os lavradores das duas freguesias não só dão os terrenos por onde ela passará, mas também ajudarão tudo quanto possam como os seus trabalhos, campos, metendo-se a fazerem os carretos necessários.

São dignos de todos os nossos elogios os lavradores das duas freguesias que se sacrificam pelo progresso da terra que os viu nascer e assim contribuem para o bem comum.

O Ex.^{mo} Sr. P. Augusto de Miranda, muito digno abade de Alvêlos a quem pertence a iniciativa desta nova estrada, tem instado junto das autoridades competentes para que tal melhoramento que lhe fôra prometido não seja protelado por muito tempo.

A Confraria de N.^a S.^a da Franqueira e a Comissão Administrativa da mesma

Não é um confronto ou paralelo que pretendemos estabelecer entre estas duas entidades, que se fundem a bem dizer numa única identidade, mas sim um pouco de história da mesma confraria. Foi no ano de 1558 que foi erecta na ermida de N. Sr.^a da Franqueira, uma Confraria que tomou o título de N. Sr.^a das Neves. Dois illustres filhos de Barcelos, muito devotos da Santíssima Virgem foram quem obtiveram de Roma um Breve, concedendo grandes indulgências para os irmãos da nova Confraria que a breve trecho, contava irmãos numerosos em todo o vasto Arcebispado de Braga, que compreendia então a região de Entre Douro e Minho e grande parte de Traz-os-Montes. Pouco a pouco foi diminuindo o fervor, como geralmente em tudo acontece e há poucos anos, esta Confraria passou a ter irmãos apenas do Concelho de Barcelos; a pesar-de tudo, não deixou de ser uma das mais importantes Confrarias quanto ao numero de seus irmãos.

De todos os pontos do Concelho de Barcelos acorriam à ermida de N. Sr.^a da Franqueira muitos devotos sobretudo aos domingos.

No terceiro domingo de cada mez notava-se sempre maior afluência de peregrinos por nesse dia a Confraria mandar celebrar pelo seu capelão uma missa cantada com ladainha de N. Sr.^a no fim, e procissão em volta da ermida.

Os membros da mēsa da Confraria eram sempre na sua totalidade naturais da freguesia de Pereira, em cuja area se encontra situada a ermida ou capela. Os rendimentos da Confraria chegavam mal para o cumprimento dos estatutos, de forma que não podia por si só dar o impulso a obras e melhoramentos que todos reclamavam se fizessem naquele aprasivel local do monte da Franqueira.

Sabendo interpretar o sentir de toda a gente nobre de Barcelos o Ex.^{mo} Sr. Conde de Vilas Bôas, então digno Presidente da Comissão Municipal de Barcelos, resolveu vir em auxilio da Confraria nomeando uma Comissão Administrativa, que tendo tomado posse, apenas há um ano, tem trabalhado com afan pelo embelezamento do pitoresco monte. Já aqui o dissemos e repetimos novamente: muito se tem feito, mas muito mais resta fazer.

Há porém uma lacuna a remediar logo, que possível seja, e sem dispendio para a referida Comissão, e até talvez com vantagens. É necessário, absolutamente necessário, que N. S.^a da Franqueira, tenha como todas as grandes Confrarias de Fátima, Penha, Bom Jesus, Sameiro, etc, etc, o seu capelão privativo, de forma



Nossa Senhora da Franqueira

a haver na ermida ou capela a celebração da missa, já não dizemos nos terceiros domingos, mas em todos os domingos, a hora certa e a mais acomodada para as pessoas que da cidade ou do concelho quizessem assistir. De tarde haveria a recitação do terço ou qualquer exercício em honra da Santíssima Virgem. Convencidos estamos que as esmolos colhidas pelo servo na ocasião de tais actos religiosos seriam mais que suficientes para uma justa remuneração ao Capelão como um saldo apreciável para a Comissão Administrativa.

Para que augmentem as esmolos a N.^a S.^a da Franqueira é absolutamente necessário afervorar os fiéis devotos com exercicios de piedade assidua e regularmente feitos na ermida ou capela e isso só se pode conseguir repetimos com um capelão privativo.

A' falta de sacerdote que pudesse desde já aceitar o encargo de capelão poderia a digna Comissão requerer uma binação na capela de N. Sr.^a da Franqueira ao Ex.^{mo} Rev.^{mo} Prelado que naturalmente a concederia.

Carvalhal, 27-9-932

Baptisou-se na nossa igreja paroquial no passado dia 26 uma interessante criança filha do Snr. Domingos Pereira e Ana Gonçalves.

— Continua à frente desta paróquia por mais um ano o nosso actual paroco e director do Semanário «Ecos da Franqueira» Deus lhe dê muita saúde para poder exercer o seu sagrado ministério.

— Informam-nos que vai ser exonerado da paróquia da vila da Póvoa de Varzim o Rev. Alexandrino José Leituga, conhecido orador sacro: que na sua casa de Abade de Neiva descance em paz o erudito sacerdote dos seus muitos trabalhos, e cumprimentamo-lo e felicitamo-lo pela sua exoneração.

— Anda empenhado na confecção duma rica bandeira do Coração de Jesus o nosso reverendo paroco, tendo recebido muitas adesões de muitas familias para contribuirem para o seu custeio.

Alguns zeladores da Associação ainda não deram a sua adesão, mas não devem demorar, pois trata-se dum melhoramento necessario.



O Evangelho

Havia um régulo cujo filho estava doente em Cafarnaüm; sabendo que Jesus caminhava da Judeia para a Galileia, foi ter com Ele rogando-lhe que descesse para lhe curar o filho que começava a agonizar. E disse-lhe Jesus: «Se não vires sinais e prodígios, não acreditas». Respondeu o régulo: «Senhor, vem, antes que meu filho morra». Voltou Jesus: «Vai, teu filho vive». Acreditou o homem nas palavras de Jesus e partiu; e quando descia os servos saíram-lhe ao encontro, anunciando que o filho vivia, perguntando a que hora se encontrava melhor responderam: «ontem deixou-o a febre pela sétima hora». Conheceu então o pai que esta era a hora em que Jesus lhe dissera: «Teu filho vive»; e acreditou êle e tó-la a sua casa.

Os fios da Providência

Acreditou êle e toda a sua casa

Consideramos no Evangelho de hoje a diligência do oficial de Cafarnaüm em pedir a cura do filho, a viveza da sua fé, e as graças que recebe de Jesus Cristo.

1.— Este oficial tinha um filho a quem muito amava, e que estava tão gravemente doente que só um milagre o podia curar.

Lembra-se então de Jesus, que já tantos milagres tinha operado em Cafarnaüm; mas agora não estava lá! Que situação para um desgraçado pai, que está prestes a perder o que de mais querido tem no mundo! Pergunta onde está Jesus, ouve a todos, e por fim dizem-lhe que deixara a Judeia, encaminhando-se para a Galileia através da Samaria.

Então receando que Jesus chegasse muito tarde a Cafarnaüm, resolve ir ao seu encontro, para lhe pedir que apresse a jornada.

Não confia este pedido a ninguém; deixa o filho, para lhe procurar o remédio; não teme a longa caminhada nem a fadiga da viagem; e parte.

Pela salvação da nossa alma empregamos a diligência deste pai pela cura do seu filho, e informámo-nos como ele de tudo o que pode contribuir para a nossa cura, para a nossa santificação e perfeição? Não nos deterá nem os respeitos humanos, nem a vergonha de confessarmos as nossas faltas, nem a dificuldade dos sacrificios a fazer?

Se o oficial de Cafarnaüm nos dá uma lição pela diligência com que procurou Jesus Cristo, dá-nos uma outra não menos importante com o fervor da sua oração, deficiente certamente, porque parecia acreditar que Jesus só lhe curaria o filho quando o visse na sua presença; mas como essa oração é admirável de fervor, humildade e perseverança!

Aprendamos a conhecer o Senhor que servimos; se às vezes parece não nos ouvir, é por amor que assim procede, é para um maior bem nosso. Peçamos-lhe com confiança, mas com inteira resignação à sua Vontade divina.

2.— Consideremos agora o princípio, os progressos e a recompensa da fé que tinha este homem que vem implorar a cura do filho.

Esta fé é pouco esclarecida, em princípio; a ideia que tinha feito de Jesus Cristo, desde que ouvira falar d'êle, era muito imperfeita. Como dissemos, acreditava que Jesus lhe podia curar o filho, mas não acreditava que o pudesse curar sem o ver, sem lhe tocar, sem lhe falar. Não sabia que Ele podia operar milagres tanto ao longe como ao perto, ausente ou presente, e que bastava só um acto da sua vontade. Estava longe de crêr que Jesus fosse o Filho de Deus, Deus imenso, creador e senhor do universo.

Temos uma ideia mais exacta de Jesus Cristo? Têmo-la como a fé a dá e exige? Se este divino Senhor nos dirigisse a pergunta outrora aos Apóstolos: *Que pensais de mim?* poderíamos responder-lhe sem hesitar e com a mesma segurança, como S. Pedro: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo?*

A reprimenda do Salvador: *Se não vires sinais e prodígios não acreditais*, tinha impressionado este homem; e quando o ouviu pronunciar em tom de autoridade estas palavras de esperança: *O teu filho vive*, acreditou na palavra de Jesus, e retirou-se, convencido de que o filho vivia.

Acreditou portanto no milagre sem o ter visto; deixou de ser do número desses espíritos difíceis, de que falara o Salvador, que não crêem sem verem.

Quando regressava a casa, os servos, testemunhas da cura repentina do manco, saem-lhe ao encontro e dizem-lhe *O vosso filho está bem de saúde*. A esta feliz notícia, não deixa que o coração se lhe dilate com uma vã alegria.

Esquece-se de si mesmo para só pensar no seu benfeitor, e tirar as consequências práticas dum tão prodigioso acontecimento. Pergunta aos servos a que horas se operou a cura, e reconhecendo que era precisamente a hora em que Jesus lhe dissera *«O teu filho está curado,»* acreditou êle e toda a sua casa.

Compreendeu então que Jesus não lhe predissera só a cura do filho, mas que a tinha operado; e maravilhado por um favor tão magnânimo, acreditou não só na palavra de Jesus, mas no próprio Jesus; reconheceu-o como o filho de

Deus, o Messias esperado e Salvador do mundo

Permita Deus que a nossa fé em Jesus Cristo crêsça na proporção dos benefícios que recebemos d'êle.

A primeira recompensa que este feliz pai recebe da sua aproximação de Jesus Cristo é a cura do filho. Como se julga bem recompensado das suas jornadas, fadigas e sacrificios!

Também para nós, a primeira e mais doce recompensa, quando procuramos sinceramente a Jesus Cristo, é a cura da nossa alma; recuperamos a beleza da virtude, a paz do coração, a amizade de Deus o direito ao céu!

A segunda recompensa é a perfeição da sua fé. Era sem dúvida generosa a fé que tinha este homem, vindo de longe à procura de Jesus Cristo; mas era pouco esclarecida. Quando deixou Jesus, recebeu um acréscimo admirável que o elevou à própria perfeição da fé. Acreditou sem restrições na palavra de Jesus Cristo, vendo-o como o Messias, aquele por meio de quem podemos ter acêssão junto de Deus. Não contente em acreditar nele, inspira a sua fé a todos os seus, e ganha para Jesus Cristo os corações de todos.

Deus não cessa de nos prodigalizar os seus benefícios; e servirão eles para aumentar o nosso amor por êle, o zelo pela sua glória?

A terceira recompensa é a doença do filho. Quem o não lastimaria, vendo-o prestes a perder o filho que tanto amava e no entanto, o que o tornava tão digno de compaixão aos olhos dos homens, era o que o devia conduzir, e a todos os seus, a Jesus Cristo.

Como conhecemos mal os nossos verdadeiros interesses, quando nos lastimamos de Deus, ou murmuramos contra as disposições da sua Providência!

Ah! em vez de murmurarmos, adoremos a Deus nos abismos da sua sabedoria; a exemplo do modelo que acabamos de estudar, aproveitemos as doenças e as aflições para recorrer a Deus, para nos unirmos a ele mais intimamente, e para nos desligarmos cada vez mais do mundo.

Crónica da Semana

Colónias. — De regresso da sua visita às colónias de S. Tomé, Angola e Moçambique chegou a Lisboa o Snr. Dr. Armino Monteiro, Ministro das Colónias.

Até há pouco tempo era do conhecimento público a existência das ilhas de S. Tomé e Príncipe por causa do ótimo café que lá se produz, sabia-se de Angola pelos d'egredados que para lá eram desterrados e falava-se de Moçambique por causa do ponta-pé que a Inglaterra nos deu com um ultimatum afrontoso. A completar sito, apenas a literatura das viagens de Capêlo e Ivens e da travessia de Serpa Pinto.

As coisas mudaram imenso nos últimos anos. As Colónias têm progredido em exploração e em civilização. As riquezas naturais como as provenientes da indústria têm-se desenvolvido largamente. Os caminhos de ferro, os portos de mar, a navegação fluvial, as boas estradas facilitam as comunicações e auxiliam enormemente o aproveitamento do solo, das quedas de água, das riquezas florestais. Estão a surgir vilas e cidades por toda a parte.

Não é justificado o horror, que durante

canto tempo dominou pelas costas de Africa. As nossas colónias de Africa são habitáveis. Há lá planaltos com um clima semelhante ao nosso. Há organismos que se dão melhor com o clima quente da Africa do que com o da Metropole. Lá como cá, fatalmente há doenças. Mas a aclimação é fácil e a resistência possível, muito ao alcance de todos.

Nestas condições não há motivo fundado para no espírito público timorato existirem quaisquer apreensões pessimistas acerca da nossa Africa. E a nossa Africa, a parte que constitue as nossas colónias, é grande, muito grande ainda para satisfazer as aspirações de Portugal e para o tornar também grande perante as nações do mundo.

Há, pois, necessidade de olhar para aquilo com olhos de ver e com vontade de accionar a tempo e acertadamente. Por este motivo, a viagem do Sr. Ministro das Colónias.

Outro aspecto nos interessa particularmente relativo ao desenvolvimento das nossas possessões ultramarinas: é o religioso. A evangelização dos indígenas e a cristia-

nização das populações civilizadas são dois problemas muito importantes. Há cidades e centros populosos muito florescentes. Com o progresso material deve seguir o progresso moral e espiritual. A salvação das almas é a meta suprema do progresso e da civilização.

Quantos operários para esta grandiosa empreza? Que imensidade de meios é necessária para a levar a cabo?

Por lá estão espalhadas várias Congregações a missionar. Os operários, porém, são pouquíssimos para a extensão do terreno e para o numero de almas.

Para nós portugueses interessa imenso o desenvolvimento das nossas possessões ultramarinas. São a continuação de Portugal, são parte integrante da nossa querida Pátria. Para nós católicos interessa de um modo especial a cristianização das colónias. São portugueses os que lá vivem, qualquer que seja a côr respectiva; são almas a conquistar para Deus. A obra das missões é au mesmo tempo uma obra patriótica e uma obra de fé. Portanto, auxiliemos as Missões com o nosso óbulo, com a nossa propaganda, com o nosso affecto, com as nossas orações, e trabalharemos para o engrandecimento do nosso querido Portugal.

Exposição Industrial Portuguesa.—Em Lisboa vai ser inaugurada muito brevemente esta exposição. E' um certame que deve marcar pelo valor dos productos expostos e pelo depoimento do nosso avanço industrial. Não é uma tentativa de acanhados horisontes, é o país inteiro que na sua capital vai mostrar a nacionais e a estrangeiros a quanto monta o coeficiente da sua industria nas suas variadíssimas manifestações. E' o país inteiro que, em praça pública, vai proclamar os resultados do seu progredimento e as armas com que está aparelhado para a grande labuta da vida.

Resulta dêste simples enunciado a alta importância da Exposição Industrial que vai abrir. Já na Exposição Colonial de Paris afirmamos, e muito honrosamente, que eramos um país colonizador por excelência. Vamos agora patentear o nosso aperfeiçoamento nas industrias. Tudo promete que o resultado seja feliz.

As exposições não oferecem apenas mero espetáculo de se admirar o que o expositor apresenta como raridade ou como fabrico aperfeiçoado. Têm um valor mais alto: facilitam o estudo comparativo entre os productos expostos, assinalam aperfeiçoamentos importantes, servem de poderoso estímulo e facilitam o ingresso dos productos no mercado. A função, pois, das exposições é muito vasta e proveitosa. Elas patenteiam o estado de um povo na sua marcha progressiva.

Como portugueses devemos orgulhar-nos com a Exposição e cooperarmos na medida das nossas forças para que ela resulte completa e honrosa o mais possível.

Semana da Uva.— Ora aqui está uma curiosidade interessante. Noticiam os jornais que vai brevemente ser consagrada uma semana às uvas. Nessa semana a alimentação deverá consistir em grande parte de uvas. As uvas deverão ornamentar os estabelecimentos comerciais e as casas particulares em formas decorativas, atraentes, convidativas. Em resumo: o fim da semana é o maior consumo de uvas possível. Achamos bem. Desde que estamos num

país essencialmente vinicola, cuja produção é superabundante, esta fórmula da semana é uma maneira curiosa de atenuar a crise. E, sendo as uvas um alimento muito saudável, mais uma razão para que elas, em lugar de se tornarem em vinho, se consumam ao natural. E' um lucro muito reforçado. O ponto é que possam ser adquiridas ao alcance de todas as bocas...

Calendário da semana

OUIUBRO

- 2 Domingo. 20.º do Espírito Santo.
- 3 Segunda. S. Tereza do Menino Jesus.
- 4 Terça. S. Francisco de Assis C.
- 5 Quarta. Ss. Plácido e Com. Mm.
- 6 Quinta. S. Bruno C.
- 7 Sexta. N. S.ª do Rosário
- 8 Sábado. S. Brígida v.ª

Vida Espiritual

Uma Alma

(Recordações recolhidas por uma irmã)

Como a saúde de Julieta não melhorava a Mimã tornou a trazê-la para Paris. Então começou para ela e para nós este martírio de 18 meses que, para ela, devia ser o fim da sua acção terrestre e para nós a suprema tortura!

Quando se atravessaram tais horas e conheceram tais angústias, quando, durante meses, se viveu sob o mesmo doloroso pensamento quando (Deus sabe com que ardor!) se desejou a cura e a esperou contra toda a esperança; quando em si próprio se sentiu todo o sofrimento dum ser querido juntamente com o seu próprio sofrimento, então, apesar da sua fraqueza, entrevê-se o que devia ser a mais imensa e sublime dôr que a humanidade conheceu: a Paixão de Salvador.

Então a alma sente em si o traço do Caminho percorrido sob o pézo da Cruz e a vida fica, para sempre profundamente transformada. Uma junta médica confirmou os receios do meu Cunhado e os nossos próprios receios. Depois de mais três meses passados em Paris a nossa querida Doente foi transportada para Versalhes, aonde, enquanto esperavam encontrar uma casa de habitação, a Maman e ela hospedaram-se num hotel. Nós iammos frequentemente visitá-las, eu, sobretudo, porque estava mais livre do que os outros. E foram durante meses, constantes peregrinações, horas passadas junto da nossa querida Doente, levando-lhe tudo o que podia distraí-la o estimular-lhe o apetite.

(Continúa)

Isabel Leseur

NOTÍCIAS VÁRIAS

Tem sido muito visitados os indígenas da Guiné, que estão no campo da Exposição Industrial em Lisboa. Um deles fala correntemente, o português. Os jornalistas cançam-nos com perguntas e fotografias.

Não se julgue que são pretos vulgares da nossa colónia africana; nada menos do que um príncipe e alguns régulos com nu-

merosa comitiva. Alguns têm patentes do nosso exército por serviços relevantes prestados a Portugal. São pretos em marcha para a completa civilização. Usam turbante na cabeça e longos fatos brancos. Vale a pena arquivar aqui os nomes dos principais: Príncipe Abdul Baldé, Régulos Iussufu Balder, Brambjau Balder, Derbam D'jára e Boconcó Sanha. Estão a construir palhotas iguais às que vivem em Africa e a fazer uma vida igual à que lá têm, inclusivamente na alimentação. Pertencem à raça fula, são bons artistas e professam a religião musulmana. Constitue a grande curiosidade da Exposição.

A revolução que estalou no Brasil continua. A guerra civil naquele grande país está a causar imensos estragos. Não ha maneira de virem a acordo; parece mais um capicho do que interesses nacionais em jogo.

O que se tem visto é que as forças combatentes se equilibram de lado a lado. Este motivo deveria ser uma causa bastante forte para a negociação de um acôrdo. Mas, não vai lá. Continua e continuará o tremendo flagelo na grande nação sul-americana.

VILA COVA

A 25 de setembro houve um sermão em honra de Santo Amaro, promessa da sr.ª Maria Gomes de Carvalho.

—Os srs. distribuidores da «Cruzada» farão a fineza de proceder à cobrança do trimestre que terminou com o número transato.

—Os srs. assinantes do logar do Outeiro ficam prevenidos de que devem pagar ao sr. Manuel do Vale Novo; e os de Vila Cova ao sr. Artur Martins de Souza.

—A sr.ª Marieta, Ex.ª filha do sr. Fradique de Vasconcelos Côrte Real, nosso presado amigo, encontra-se um pouco incomodada. Desejamos-lhe muitas melhoras.

—O sr. Manuel de Sá Cachada ainda não está completamente restabelecido.

—A reunião de confesores para se lucrar o jubileu das Almas será no dia trinta e um do corrente.

—O sr. António Maria de Sá, foi sacramentado.

—Continuam muito mal os srs. João Bento da Aldeia e Maria Ramos.

—Estão a terminar as férias escolares: na próxima semana devem encetar o novo ano lectivo todos os estudantes daqui e que frequentam a Escola Commercial, Escola Normal, Liceu e Seminários.

—Também já se despediu o Rev.º Izolino Alves Gomes. Parte para a Africa com o Snr. D. Moisés, bispo de Angola. Devem embarcar em Lisboa no dia oito.

Desejamos-lhe uma boa viagem e tôdas as prosperidades.

—De visita a seu irmão e nosso amigo, sr. Paulino J. Fernandes Ribeiro, esteve aqui o sr. Dr. Bernardino J. Fernandes Ribeiro, médico municipal de Valença.